

ESTRUTURA FORMAL DOS POEMAS DE AMAVISSE: OS PARALELISMOS HILSTIANOS

CRISTIANE GRANDO

LABORATÓRIO DO MANUSCRITO LITERÁRIO
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

RESUMO

Este artigo foi desenvolvido como parte da dissertação de mestrado Amavisse de Hilda Hilst: edição genética e crítica, defendida em agosto de 1998 na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). No artigo, serão apresentadas análises dos principais tipos de paralelismo que estruturam a poesia hilstiana: paralelismo desconexo, paralelismo n-ário e paralelismo aprimorado. Além de estruturar os poemas, o paralelismo também funciona como elemento auxiliar na composição do ritmo e nos processos de divisão de estrofes. Como veremos, os paralelismos hilstianos são ricos pela diversidade de combinações.

RÉSUMÉ

Cet article reprend un chapitre de la maîtrise Amavisse de Hilda Hilst: édition génétique et critique (Amavisse d'Hilda Hilst: édition

génétique et critique) soutenue en août 1998 à la Faculté de Philosophie, Lettres et Sciences Humaines de l'Université de São Paulo (FFLCH-USP). L'article présentera des analyses des principaux types de parallélisme qui structurent la poésie hilstienne: le parallélisme déconnecté, le parallélisme à la puissance n et le parallélisme travaillé. Le parallélisme structure les poèmes, fonctionne comme élément auxiliaire pour composer le rythme et les processus de division des strophes. La diversité de combinaisons des parallélismes hilstiens en fait la richesse.

ABSTRACT

This article presents part of the M.A. research Amavisse de Hilda Hilst: edição genética e crítica (Amavisse of Hilda Hilst: genetic-critic edition) developed at the University of São Paulo (FFLCH-USP). The article presents, more specifically, the analysis of main kinds of parallelism that structure Hilda Hilst's poems: disconnected parallelism, n-ário parallelism and perfecting parallelism. The parallelisms not only structure the poems but also function as auxiliary element of composition of rhythm and in the process of scanning stanzas. These parallelisms are rich in their diversity of combinations.

TRÊS MOMENTOS DO POEMA XII DA PRIMEIRA PARTE DE AMAVISSE

1.º texto

8/9/87

17

5/6/88

1 ~~ela~~ Se tivesse madeira e ilusões
 2 Faria um barco e ~~pensava~~ ^{pensaria} um arcoiris.

3 Se me ~~tomasses~~, vida, que materia e que cores
 pensasses
 a minha
 4 Para ~~uma~~ possível sobrevida?
 5 Se eu te tomasse, amigo, a distancia Seria
 6 ~~um/o~~ invisível fio.
 Hipotético fio.
 7 ~~a + fina~~ espessura, de invisível fio.
 8 ~~e só~~ haveria
 9 ~~e/E~~ o mundo te ~~faria~~ de silêncio e chegada
 10 a Terra ~~toda~~ de saliva
 inteira
 numa
 11 Te moldaria a ti ~~de uma~~ carne de antel[s].
 12 Sem ~~pecado e~~ clausura
 13 E Sem nome. Sem ~~paraíso.~~ fremito
 E Paraíso clausura
 ou
 comigo
 14 ~~Te faria~~ ~~sonhar~~ o proibido.
 Sonharias
 em mim
 inventava
 15 Inventaria em ti o proibido

2º texto

17.

XII

- 1 — Se tivesse madeira e ilusões
 2 — Faria um barco e pensaria o arco-íris.
 3 — Se me pensasses, Vida, que matéria, que cores
 4 — Para minha possível sobrevida?

- 5 — pensasse,
 6 — Se eu te ~~tomasse~~, amigo, a Terra toda
 7 — Seria de saliva e de chegada.
 8 — Te moldaria numa carne de antes, sem nome
 9 — Sem nome Ou Paraíso, e ~~inventava~~ ³distância e o
 10 — proibido.

- 9 — ~~e para te ser eterna~~
 10 — ~~me~~
 11 — ~~eu te seria distancia~~
 12 — ~~te e proibida.~~
 13 — ~~eu me faria distancia~~
 14 — ~~e proibida.~~

3º texto

XII

- 1 Se tivesse madeira e ilusões
 2 Faria um barco e pensaria o arco-íris.
 3 Se te pensasse, amigo, a Terra toda
 4 Seria de saliva e de chegada.
 5 Te moldaria numa carne de antes
 6 Sem nome ou Paraíso.
 7 Se me pensasses, Vida, que matéria
 8 Que cores para minha possível sobrevida?

Partindo de reflexões teóricas de Roman Jakobson e da análise dos processos criativos de poemas de *Amavisse*, sobretudo do poema XII da primeira parte,¹ consideramos que, do ponto de vista formal, os paralelismos podem ser analisados como a dominante na poesia hilstiana. A dominante pode se definir como o elemento focal de uma obra de arte: ela governa, determina e transforma os outros elementos. É ela que garante a coesão da estrutura (JAKOBSON, s/d: 77). Este estudo pretende provar que os paralelismos formam a base ou a estrutura de grande parte dos poemas hilstianos, entendendo por estrutura a “correlação sistemática das partes” (CANDIDO, 1989: 5).

Neste capítulo, serão definidos os principais tipos de paralelismos que estruturam a poesia hilstiana. Além de estruturar os poemas, o paralelismo hilstiano auxilia a composição do ritmo. É o que se observa no estudo dos manuscritos ao analisar a reelaboração de estruturas paralelísticas, como veremos. A fim de analisar a estrutura formal dos poemas de *Amavisse*, partiremos do pressuposto de que o verso livre possui outro tipo de organização, diferente da métrica e da rima tradicionais. Como afirma Antonio Candido,

quando se trata de um poema não-convencional, isto é, sem métrica nem rima, sem pausa obrigatória nem lei de gênero, a camada “aparente” parece não existir, ou não ter importância, e nós somos jogados diretamente para o nível do significado. No entanto seria erro supor que um poema desses não tenha organização. Mesmo que os recursos convencionais de formalização sejam descartados, os códigos continuam a existir. Na análise de um poema “livre”, o objetivo inicial é a própria articulação da linguagem poética – fato mais geral e durável do que as técnicas contingentes que a disciplinam nos vários momentos da história da poesia (1989: 81).

1. O poema XII e seus manuscritos estão reproduzidos em fac-símile e em versão transcrita em *Manuscrita* n.º 7.

Façamos a leitura dos primeiros versos do poema XII da série Amavisse:

Se tivesse madeira e ilusões
Faria um barco e pensaria o arco-íris.

Ao ler esses versos, nota-se que eles são compostos por estruturas paralelas binárias. A estrutura paralela implica, de acordo com Jakobson, *equivalências gramaticais* (s/d: 94). Lançando um olhar vertical nos dois versos, temos os elementos paralelos madeira/barco e ilusões/arco-íris. Observando cada um dos versos separadamente, ou seja, analisando horizontalmente, temos as seguintes estruturas paralelas: madeira e ilusões; faria um barco e pensaria o arco-íris. Ao ler o poema todo, pode-se definir um sistema composto sobre paralelismos. Nos versos 3 a 8, há outros vocábulos dispostos sintaticamente em paralelismos:

- de saliva e de chegada (verso 4);
- sem nome ou Paraíso (verso 6);
- que matéria, que cores (versos 7 e 8);
- se te pensasse, amigo / se me pensasses, Vida (versos 3 e 7);
- se tivesse.../se te pensasse.../se me pensasses... (versos 1, 3 e 7).

Nos manuscritos, existe também uma série de elementos paralelos que foram eliminados ao longo do processo criativo. Na 1ª versão, temos:

- a distância Seria o invisível fio/E o mundo te faria de silêncio e chegada/ a Terra toda de saliva (versos 5, 9 e 10);
- o invisível fio / a + fina espessura (versos 6 e 7);
- de silêncio e chegada / de saliva (versos 9 e 10);
- Sem pecado e clausura (verso 12);
- E Sem nome. Sem paraíso (verso 13);
- fremito/clausura (marginália do verso 13).

e na 2ª versão:

- a distância e o proibido (verso 8);
- distância e proibida (versos 10a e 11a; 10b e 11b).

Partindo dessas constatações, pode-se afirmar que a estrutura paralela, do ponto de vista formal, é a dominante do poema XII, especificamente a estrutura paralela binária, que predomina na versão publicada. Ao estudar os paralelismos, identifica-se a organização, a estrutura formal de inúmeros poemas hilstianos.

Muitas vezes, os principais paralelismos – aqueles que estruturam os poemas – funcionam como apoio para a divisão das estrofes. A disposição paralelística dos versos 3 e 5 da 2ª versão do poema XII certamente facilitou o deslocamento entre as partes 2 e 3, pois a segunda estrofe continuou sendo iniciada por um verso sintaticamente semelhante ao que iniciava a segunda estrofe antes da recolocação dos versos numa nova seqüência. Logo, nota-se que há algum tipo de regra, consciente ou inconsciente, que auxilia o processo de divisão de estrofes.

Em *Amavisse*, na série de mesmo nome principalmente, e em outras obras hilstianas – como, por exemplo, em *Cantares do sem nome e de partidas* –, as estruturas paralelas funcionam como elemento auxiliar nos processos de divisão de estrofes:

Estrofe 1 **Como se** te perdesse, assim te quero.
Estrofe 3 **Como se** tudo o mais me permitisses,
Estrofe 4 **Como se** te perdesse nos trens, nas estações
(poema II da série Amavisse)

Estrofe 1 **De uma fome de** afagos, tigres baços
Estrofe 2 **De uma fome de** sonhos
(poema III da série Amavisse)

Estrofe 1 Se chegarem as gentes, **diga que** vivo o meu avesso.
Estrofe 3 **Diga-lhes** principalmente
Que há um oco fulgente num todo escancarado.
Estrofe 4 **Que** ela não está neste domingo à tarde, apropriada.

Estrofe 1 **De** cigarras e pedras, **querem nascer** palavras.
Estrofe 2 **Da** carne de mulheres, **querem nascer** os homens.

Estrofe 1 **O louco estendeu-se** sobre a ponte.
 Estrofe 3 **Um louco permitiu** que eu juntasse à sua luz
 À minha dura noite.

Estrofe 1 **Telhas, calhas**
 Estrofe 2 **Ecoss, poço**

Voltando à análise da 2.^a versão do poema XII, nota-se que o poema foi dividido em duas estrofes de quatro versos cada uma. Na versão publicada, encontra-se o mesmo número de estrofes, mas cada uma possuindo, respectivamente, seis e dois versos. Nos dois casos, a divisão foi realizada a partir dos três versos fundamentais do poema: os versos paralelos. Esses três versos – o 1, o 3 e o 7 – compõem os pilares sobre os quais se sustenta o texto. Por isso, neste trabalho, o poema XII foi dividido em três partes,² cada uma iniciada por uma condição:

- 1.^a parte (versos 1 e 2): *Se tivesse madeira e ilusões...*
- 2.^a parte (versos 3 a 6): *Se te pensasse, amigo...*
- 3.^a parte (versos 7 e 8): *Se me pensasses, Vida...*

Dos três versos-pilares, os versos 3 e 7 são os que possuem mais elementos equivalentes do ponto de vista gramatical. Os versos 1, 3 e 7 apresentam apenas dois elementos paralelos: a conjunção subordinativa e o verbo no imperfeito do subjuntivo. Já os versos 3 e 7 apresentam quatro elementos dispostos em paralelo, além de serem semelhantes pela utilização do verbo *pensar*. Vejamos como a estrutura sintática dos versos 3 e 7 é semelhante:

1	Se		tivesse	madeira
	conjunção		verbo	substantivo
	subordinativa			

3	Se	te	pensasse,	amigo ...
---	-----------	-----------	------------------	------------------

2. Essa divisão em três partes é a mesma que foi seguida pela autora ao modificar a seqüência dos versos na 2.^a versão.

7	Se	me	pensasses,	Vida ...
	conjunção	pronome	verbo	vocativo
	subordinativa	pessoal		
		do caso		
		oblíquo		

Os versos paralelos 3 e 7 foram criados um em seguida do outro (ver o autógrafo do poema XII). Nota-se, portanto, que o verso 3 funcionou como modelo para a construção do verso 7 (que é 5.^o da 1.^a versão). Trata-se, portanto, de um exemplo do processo de criação por paradigma, analisado em "Leitura genética do poema 'Se tivesse madeira e ilusões'".³ O paralelismo, nesse caso, foi criado a partir de uma influência pela proximidade dos versos em determinado momento do processo criativo. Ao datilografar o poema, as estruturas paralelas mais semelhantes ganham distância entre si: os versos 3 e 5 da 1.^a versão passam a ocupar os lugares 3 e 7 da 2.^a, minimizando conseqüentemente a simplicidade da construção paralelística. Ao contrário, há estruturas paralelas que ao longo do processo criativo são rearranjadas em versos mais próximos:

1	As maçãs ao relento. Duas
2	E a lua lustrosa
3	Latejando o tempo.
4	E o viscoso do tempo
5	Sobre a hora/Boca e a lua /hora
6	As maçãs deixei/as para quem come
	Esta
7	Uma agonia crua: E (ileg.)

1	As maçãs ao relento. Duas.
2	E o viscoso do tempo
3	Sobre a boca e a hora
4	As maçãs deixei-as para quem devora

3. GRANDO, Cristiane. Capítulo VI. *Amavisse de Hilda Hilst: edição genética e crítica*. São Paulo, 1998 (dissertação inédita).

5 Esta agonia crua: em mesura
6 E meu instante de penumbra salivosa.

1 **As maçãs ao relento. Duas.** E o viscoso
2 Do Tempo sobre a boca e a hora. As maçãs
3 **Deixei-as para quem devora** esta agonia crua:
4 Meu instante de penumbra salivosa.

1 **Queres voar, Samsara.**
2 Como esses que contemplas rumo ao poente?
3 **Queres trocar o moroso das pernas**
4 Pelas coruscantes penas
5 E planar intocada acima das demencias?

1 **-Queres voar, Samsara? Queres trocar o moroso das**
2 **pernas**
3 Pela magia das penas, e planar coruscante
4 Acima da demência?

Nesse último caso, a aproximação de “Queres voar” e “Queres trocar” enfatiza a combinação dos sons *o, a, r* de *voar*, criando o efeito de um eco em *trocar*. Pelos exemplos acima, foi possível notar que os paralelismos são reorganizados a partir do ritmo e da retomada de estruturas paralelas. Outra reelaboração de seqüência de paralelismos – o deslocamento das partes 2 e 3 na 2.^a versão – também atesta a ocorrência de modificação significativa no ritmo: a interrogação passa a finalizar o poema, proporcionando uma leitura mais fluida. A 1.^a seqüência proposta na 2.^a versão criava uma quebra do ritmo por causa da entonação interrogativa na metade do poema.

No exemplo seguinte, a reelaboração da estrutura paralelística formada pelos adjetivos “brusco”, “inamovível” e “inteiro” provoca a reformulação das pausas, e, conseqüentemente, cria um novo ritmo. Outro efeito dessa reelaboração é o realce da imagem “um arco-íris de ar em águas profundas”:

1 Como se te perdesse, assim te quero.
2 Como se não te visse (favas douradas
3 Sob um amarelo) assim te apreendo brusco
4 **Brusco**, inamovível, e te respiro inteiro
5 **Inteiro** / Um arcoíris de ar em águas profundas.

É característico do estilo hilstiano um tipo de *paralelismo* que chamamos de *desconexo*, pois implica a disposição de uma estrutura paralela em dois versos consecutivos:

As barcas afundadas. Cintilantes
Sob o rio. E é assim o poema. **Cintilante**
E obscura barca ardendo sob as águas.
(poema XVII da série Amavisse)

(...) Um poema entre-muros
Quer nascer, **de carne jubilosa**
E longo corpo escuro.
(poema XIX da série Amavisse)

As maçãs ao relento. Duas. E o viscoso
Do Tempo sobre a boca e a hora. **As maçãs**
Deixei-as para quem devora esta agonia crua:
Meu instante de penumbra salivosa.
(poema V da série Amavisse)

Quando se observa o processo criativo do poema citado acima, nota-se que estruturas paralelísticas complexas são criadas a partir de estruturas simples, pois o paralelismo desconexo não existia nas 1.^{as} versões:

1 **As maçãs ao relento. Duas**
2 E a lua lustrosa
3 Latejando o tempo.
4 E o viscoso do tempo
5 Sobre a hora/Boca e a lua/hora

6 **As maçãs deixei/as para quem come**

Esta

7 Uma agonia crua: E (ileg.)

O mesmo ocorre com o poema "Como se te perdesse, assim te quero" citado anteriormente, quando o adjetivo "brusco" é deslocado do 4.º para o 3.º verso. Portanto, é a partir da tela de fundo da simplicidade que se cria a complexidade.

Também são freqüentes na poesia de Hilda Hilst os *paralelismos n-ários*, sendo *n* mais de dois elementos:

Carrega-me contigo, Pássaro-Poesia

Quando cruzares **o Amanhã, a luz, o impossível**

Porque de barro e palha tem sido esta viagem

Que faço a sós comigo.

(poema I da série Amavisse)

– O que restou de nós decifrado nos sonhos

Os arrozais, teu nome, tardes, juncos**Tuas ruas** que no meu caminho percorri

(poema V da série Via espessa)

Amor **chagado, de púrpura, de desejo****Pontilhado.** Volto à seiva de cordas

Da guitarra, e recheio de sons o teu jazigo.

(poema IX da série Amavisse)

Os *paralelismos aprimorados*, responsáveis pela riqueza dos poemas hilstianos, ocorrem quando um segundo verso paralelo não segue a estrutura sintática proposta pelo primeiro, apresentando poucos elementos paralelos idênticos. Esse tipo de paralelismo permite que ocorra a inovação, pois são criadas estruturas *diversas*, evitando simplicidade rítmica e tom monótono. Vejamos alguns exemplos de paralelismos aprimorados:

1 **As maçãs ao relento. Duas.** E o viscoso
2 Do Tempo sobre a boca e a hora. **As maçãs**
3 **Deixei-as para quem devora** esta agonia crua:
4 Meu instante de penumbra salivosa.
5 **As maçãs comi-as como quem namora.** (...) (poema V da série Amavisse)

1 **Se te pertenço, separo-me de mim.** (...) (poema II da série Via Espessa)
7 **Se te pertenço é um acorde ilusório no silêncio.** (...) (poema II da série Via Espessa)

1 **Temendo deste agosto o fogo e o vento** (...) (poema XII da série Via Espessa)
6 **– Temendo os teus limites, Samsara esvaecida?** (...) (poema XII da série Via Espessa)

1 **O louco estendeu-se** sobre a ponte
7 **Um louco permitiu** que eu juntasse a sua luz
À minha noite.
(poema IV da série Via espessa)

1 O louco (a minha sombra) escancarou a boca:
2 – O que restou de nós decifrado nos sonhos
3 **Os arrozais, teu nome, tardes, juncos**
4 **Tuas ruas** que no meu caminho percorri
(poema V da série Via espessa)

De acordo com Jakobson, "é pelas férteis possibilidades de combinação poética estreita de reuniões e oposições que se explica a vasta difusão, e talvez mesmo o papel primordial dos sistemas de paralelismos na poesia universal, oral ou escrita" (s/a: 103-4). Pela diversidade de paralelismos, pode-se afirmar que a maioria dos poemas de *Amavisse* possui uma estrutura formal bem elaborada. Como foi possível observar nos manuscritos, é no processo de construção do poema, por meio da reescrita, que a estrutura paralelística muitas vezes perde o caráter inicial de pobreza e

monotonia. Dessa forma, conclui-se que é pela reelaboração da linguagem que o sistema paralelístico torna-se mais complexo, mais rico, mais aprimorado.

A riqueza dos paralelismos hilstianos permite a inovação, pois são criadas maneiras menos comuns de dispor elementos em paralelo, em alguns casos aproximando versos paralelos, e em outros, afastando-os, de acordo com o ritmo que se deseja criar, como foi ilustrado anteriormente. Neste estudo, foi possível constatar também que as estruturas gramaticais rearranjadas modificam as pausas demarcadas pela divisão dos versos, auxiliando a composição do ritmo.

Os paralelismos hilstianos são ricos pela diversidade de combinações. Partindo dessa constatação, podemos questionar: por que no poema XII foram escolhidas para serem publicadas somente estruturas paralelas binárias que freqüentam um único verso, diferentemente do que ocorre com os demais poemas de *Amavisse*?

A escolha dos paralelismos do poema XII parece gerar um ritmo melancólico, condizente com o sofrimento pela ausência do amigo, com o vazio da sobrevida, com a vivência da falta, do abandono. Mas o vazio pode ser um espaço no qual é possível refazer a sobrevida, sobretudo por meio dos desejos e do imaginário, representados pela referência a "ilusões". O ritmo dos dois últimos versos – por causa da interrogação – provoca uma espécie de *bouleversement* no ritmo monótono proposto pelos seis primeiros versos. Assim, somos levados a pensar que o questionamento é um caminho para que a sobrevida possa ser repensada ou refeita com matéria e cores mais vivas.

BIBLIOGRAFIA

- CANDIDO, Antonio. *Na sala de aula*. 3.^a ed. São Paulo: Ática, 1989.
- HILST, Hilda. *Amavisse*. São Paulo: Massao Ohno, 1989.
- _____. "Amavisse". In: *Do desejo*. Campinas: Pontes, 1992.
- JAKOBSON, Roman. "La dominante" e "Poésie de la grammaire et grammaire de la poésie". In: *Huit questions de poétique*. Paris: Seuil, s/d., p. 77-108.
- _____. "Le parallélisme grammatical et ses aspects russes". In: *Questions de poétique*. Paris: Seuil, 1973, p. 234-79.
- JAKOBSON, R. e POMORSKA, K. "Le parallélisme". In: *Dialogues*. Paris: Flammarion, 1980, p. 99-108.